

**TÊRMOIS OFTALMOLOGICOS E AFINS
COMENTARIOS FILOLOGICOS (*)**

DR. CASSIO GALVÃO MONTEIRO (***) — São Paulo

Prosseguindo neste assunto, em continuação primeiro artigo publicado nos "ARQUIVOS BRASILEIROS DE OFTALMOLOGIA" volume 24 n.º 3 — 1962, páginas 128 a 132 em que comentamos ortográfica e prosòdicamente três tÊrmos Oftalmológicos, quais sejam, Abscesso, Acinesia e Afacia, vamos neste segundo e penúltimo artigo focalizar os seguintes vocábulos:

ASSISTIR	CERATITE	DIABETES
ATENDER	CISTOTOMO	DRAGÉIA
CALAZIO	CISTO	ESCOTOMA e
CAMPIMETRO	CORÓIDE	ESQUIASCOPIA

4 — A S S I S T I R

Está aí um verbo cujo regime foi objeto de muitos estudos. É de fato um verbo usado em Medicina, onde existe mesmo um substantivo que lhe é peculiar: assistência; quando se fala em assistência, via de regra, se lembra de ambulância ou de ajuda e orientação médica, mas há outros tipos de assistência, como sejam: a assistência técnica, espiritual, etc.

O que nos fez trazer este tÊrmo aos nossos comentários foi o fato de ouvirmos comumente as duas formas de regência do verbo assistir, no sentido de ajuda médica: apontando um exemplo prático: ouve-se tanto "assisti um doente", "assisti a um parto". Pergunta-se: uma está certa e a outra errada, ou as duas são corretas?

(*) Comunicação feita na sessão do Centro de Estudos da Clínica Oftalmológica de Mulheres da Sta. Casa de Misericórdia de S. Paulo.

(***) Assistente da referida Clínica Oftalmológica de Mulheres.

Para dirimir estas dúvidas, qual o caminho a seguir? Felizmente em nossa época, já temos os regimes verbais dicionarizados e, diga-se de passagem, por competentes dicionaristas como Francisco Fernandes, e seus predecessores no assunto: o padre Stringari, Arthur Torres, Laudelino Freire e outros que trataram esta difícil matéria sintática nos verbetes de Dicionários não especializados.

Colhamos pois a lição de Fernandes: êle consiga em primeiro lugar para o verbo assistir, socorrer, a regência relativa (preposicionada) com A: "assistir ao moribundo".

O respeitado A. do "Dicionário de Verbos e Regimes" traz para abono Constâncio, o sempre lembrado dicionarista de século XIX, e Rui: "O sacerdote lhe assistia na hora do trepasse". Note-se que Rui foi sempre modelar em sintaxe de regência.

Comilo e Bernardes seguiram a mesma sintaxe, mas Fernandes aceita também a regência transitiva direta, citando em abono o próprio Constâncio: "Eu assisti teu pai". Viera seguiu a mesma orientação sintática. Stringari também tomou as duas regências como corretas e bem abonadas, mesmo pelos clássicos. Já quando o v. assistir significa estar presente, comparecer, o regime é transitivo indireto, relativo, com a preposição A e não se deverá dizer: "Assisti um filme", mas sim "assisti a um filme". Assistir vem do latim assistere, que já significava socorrer, ou, mais propriamente "sentar-se, parar perto de".

Decompõe-se em latim, na preposição AD, junto, e sistere, apresentar-se, estar (houve também a forma adsistire); sistere é forma desdobrada de stare, e tem por cognatos, dentre outros, os verbos: existir, persistir, desistir, resistir, insistir, etc. Seu sentido era portanto o de "estar junto de, presente a". Quanto à sintaxe, em latim o V. assistere aparece como intransitivo e como relativo. Não há menção, nos dicionários mais conhecidos da forma de regência transitiva direta, isto é, da regência acusativa.

Mesmo em português, Moraes no seu Dicionário afirmava que assistir com regência transitiva é raro mas textos, e cita Vieira e Leão.

Já em francês há a regência acusativa e a relativa, notando-se que a regência relativa aparece quando assistir significa estar presente a (assistir aux fêtes), e também a preposição é A; e é transitivo quando quer dizer ajudar, socorrer.

Esta forma transitiva, quando significa socorrer, (assistir le malheureux) também se encontra em italiano e espanhol. Portanto esta forma de regência transitiva direta é mais recente e encontra apoio na sintaxe

francêsa, italiana e espanhola, apesar de não ser consignada no latim (É possível, porém, que dada a regência da preposição *Ad* acusativa, tenha sido, o *V. assistere* transitivo direto no início, não estando porém registrado por antigo).

Sandoval e Góes, dois autores que pontificaram no setor da sintaxe portuguesa, optam pela regência acusativa do *V. Assistir*, socorrer, no que não concorda Moraes, que aconselha a relativa.

Socorrer, consoante a origem, significa correr para baixo de, em quanto que assistir não encerra idéia de dinamismo, mas idéia estática de permanecer junto de alguém.

5 — A T E N D E R

Eis aqui outro verbo que merece alguma atenção, pois se ouve dizer tanto: “atender um doente”, quanto “atendi a muitos casos”.

Procedendo-se ao estudo da sintaxe deste verbo nos autores categorizados, conclui-se que atender, no sentido de dar atenção, prestar assistência médica, deve ser transitivo direto: “Estava acamado e procurei atendê-lo”. Assim fazendo, estaremos acordes com o regime latino de *attendere* em tal sentido: “*attendere alicquem*”, escrevia Cícero.

6 — C A L Á Z I O

Calázio é forma certa, forma única do Vocabulário Ortográfico de 1943. Não se admite mais a grafia chalazio, e a pronúncia xalário que se ouve não rara vez, é absolutamente impropriedade e desarrazoada. De fato, se em francês se escreve ainda chalazio, isto não quer dizer que o *ch* aí seja chiado, êle é sim, gutural: *Kalazion* é a pronúncia, notando-se que o *ch* em francês não tem uma só pronúncia. Calázio é palavra que vem do grego: *chálaza* (que também se transcreve *Kálaza*), sendo uma forma diminutiva: “*Khalazion*”; significa em grego “pedrinha de granizo”, pedregulho, aspecto que de fato, tal tumoração geralmente diminuta, assume. (há a forma *calaza*, em embriologia). Nota-se porém, que a letra grega inicial é um *qui*: cujo valor prosódico (de pronúncia) é o do *Ch* alemão.

Distingam-se no grego duas letras parecidas na pronúncia, e entender-se-á melhor a razão de muito do que se disser: tais letras são o *capa* e o *qui*.

Na passagem dos vocábulos gregos ao latim e às línguas românicas tais fonemas tiveram uma evolução diferente um do outro e mais ou menos constante, citando-se poucas exceções.

O capa gutural no grego abrandou-se geralmente, antes de **E** e **I** quando na sua evolução até o português, dando o nosso **c** sibilado de ciclo, cisne, etc., que se pronunciavam em grego “**Kyklos**, **Kyknos**”.

Por esta razão vimos que devemos pronunciar Afacia, ceratite, cisto e não afaquia, queratite e quisto.

Já o **qui**, na sua evolução do grego ao português, guturalizou-se e deu o **C** equivalente a **K** ou **qu**.

Assim, se diz

Camaleão (ou cameleão)	Cristo
Camomila	Eco
Cáos	Quelóide
Caráter	Quelônio
Carta	Quemose
Catequese	Quimera
Cloro	Quilo
Coana	Química
Coréia	Quimo, etc.
Côro	

Estas palavras eram grafadas antigamente com **CH**: assim escrevia-se chaos, charta, chloro, Christo, cheloneo, chimica, mas este **CH**, note-se bem que nunca teve o som de **X** (chiado) e sim o som gutural.

A palavra **CIRURGIA**, porém constitui uma exceção pois, provindo do grego Cheirurgia, e passando pelo latim Chirurgia, com **CH** duro, gutural, não deveria ter dado Cirurgia, mas Quirurgia.

Bluteau (1712), no seu Vocabulário Português-Latino já estranhava a evolução insólita do **qui** grego nesta palavra, quando escreveu: “**CHIRURGIA** assim se deve dizer havendo respeito ao grego, porém **CIRURGIA** he mais vulgar”.

Diez porém nos dá uma explicação especial para o caso de **CIRURGIA** e mais dois semelhantes: braço e celidônia (o Voc. 1943 aceita também a forma quelidônia). É que o **CH** latino diante das vogais doces é tratado como **C** pelas linguas romanicas **apenas nas palavras antigas**, como selidônia, cirurgia e braço. Se no português a evolução do **qui** foi para **C** gutural ou **qu**, tal não se deu por exemplo no francês, no caso de chimie, em que o francês pronuncia o **CH** com o som chiado do **X**, o mesmo se dando com **CHIRURGIE** e **CHIMIE**.

Aponta-se outra exceção que é a palavra **cédula**, que Bluteau grafava sedula e ainda: cisma, ciática. Cédula vem do latim schedula diminutivo de cheda, papel, bilhete. Os latinos pronunciavam skedula, e o grego era schedē. do radical de schedon, ao pé de: onde se vai depressa: e schedion é o papel escrito à pressa, o bilhete.

A grafia de Bluteau e Moraes com S é despropositada. A grafia actualizada ainda tem seu apóio.

Constâncio, o incomparável dicionarista do século passado, que se notabilizou pela concisão e reforma da Dicionarística portuguesa, imprimindo-lhe novos rumos. no verbete CATEQUESE resume bem o problema da transcrição do qui grego para o português e para as línguas românicas, condenando, como desprovida de bases fonéticas, a transcrição de tal fonema pelo CH.

“A substituição de QU a CH, além de contrária à transcrição latina do (qui) grego, é inútil, desarrazoada e sem nenhum fundamento de utilidade; os Italianos, Franceses, Alemães e Ingleses adotaram todos o CH para representar o (qui) grego, que é um K ou G aspirado; por KH inicial seria melhor suprido o Português, quando pode haver confusão do CH soando X, e, não sendo inicial, por CCH, v.g. KHÔRO, KHOREA, ECCHO, ACCHILLES, ACCHRONTE, ARCCHEO”.

Adolfo Coelho e Cândido Figueiredo quiseram ir além, apontando como melhor a forma popular chalizião, que porém não foi dicionarizada. Aliás Cândido Figueiredo grafa chalazio com S, e não chalazio, o que não se justifica.

7 — C A M P I M E T R O

É um termo mal formado, por hibridismo; provém de campo, que é a palavra de origem latina e metro, de origem grega. Campo em grego se diz, dentre outras formas, Agrós.

8 — C E R A T I T E

O certo é Ceratite. Ao comentarmos o vocábulo acinesia, procuramos apresentar as razões prosódicas e históricas que condenam a forma QUERATITE e apoiam a forma CERATITE como escoreita.

9 — C I S T Ó T O M O

O Vocabulário de 43 cita três formas: CISTITOMO, CISTIÓTOMO e CISTÓTOMO. Diante de derivados como CISTOPLASTIA, CISTOSTOMIA etc. abonados pelo Vocabulário Ortográfico de 1943, para efeito de coerência, dever-se-ia optar pela forma CISTÓTOMO, notando-se que CISTITOMO é forma em que aparece o i como vogal de ligação interna, num composto grego, vogal esta que lhe é estrangeira, pois o grego formava seus compostos usando para tal, quando necessário, a vogal O.

Neste ponto CISTIÓTOMO não peca, mas como já dissemos, adotando-se CISTOSTOMIA, fortiori, adotaremos CISTÓTOMO; Ramiz Galvão opta pela forma única CYSTÓTOMO.

10 — C I S T O

A forma correta e única é CISTO e não QUISTO. O Vocabulário Ortográfico de 1943 a cita como forma única. A grafia CISTE tem seus adeptos e de fato é bem fundamentada. É a forma adotada pela respeitada e operosa Escola Cirúrgica do prof. Eurico Branco Ribeiro em seus trabalhos. O Vocabulário Oficial, porém não a legalizou. As razões prosódicas que apoiam a grafia CISTO se encontram expostas no verbete ANJINESIA.

11 — C O R Ó I D E

Oficialmente deve-se falar e escrever CORÓIDE. Cândido Figueiredo explica porque a forma CORÓIDE é a certa, e não CORIÓIDE como poderia parecer: "Se o vocábulo viesse diretamente do grego CORION, a CORÓIDE satisfaria; mas o vocábulo veio de corōeides, e neste caso CHOROIDE ou CORÓIDE é preferível". Ramiz Galvão, citando o italiano apoia a forma CORIÓIDE.

12 — D I A B E T E S

O Vocabulário de 1943 sanciona as formas DIABETE e DIABETES e consigna os dois gêneros.

Quanto ao gênero, como em grego e latim a palavra é masculina, o gênero masculino é o que se lhe deve dar.

Em castelhano é feminino e acoima-se de castelhanismo o dar o gênero feminino a este vocábulo.

Quanto às formas DIABETE e DIABETES a segunda é a que tem maior fundamento lexicográfico nos Dicionários, pois tirante Cândido Figueiredo, que adotou a forma sem S, desde Moraes os Léxicos da língua vêm registrando o termo com S, e justifica-se: a forma DIABETES acompanha o uso vulgar e provém do nominativo singular grego, como alguns outros vocábulos, não havendo razão de ordem superior, para se corrigir esta forma já popularizada. São estes os argumentos apresentados por Ramiz Galvão.

13 — D R A G É I A

É a forma certa, única registada no Vocabulário Ortográfico Oficial. A palavra vem do grego, *Tragema-atos*, que quer dizer confeito, a qual veio em português várias alotrópicas: GRAGÉIA, GRANGÉIA (antiga) e DRAGÉIA.

P. Mello acima DRAGÉIA de GALICISMO, apontando como genuína a forma GRAGÉIA, e não deixa de ter certa razão mas, apoiados na autoridade filológica e oficial do Voc. Ortográfico de 1943 podemos adotar a forma DRAGÉIA.

14 — E S C O T O M A

O Vocabulário Ortográfico regista apenas a forma ESCOTOMA, de género masculino. Paulo de Mello (*Linguagem Médica*) escreve: "Parece que ainda não se estudou com interesse essa palavra tão frequente na linguagem médica. SCÓTOMO, que eu saiba não há e nunca houve em português às direitas. O mesmo se deve dizer a respeito da SCÓTOMA feminina e esdrúxula. O certo é ESCÓTOMA, masculino, derivado de eufônico e SCÓTOMA, e este de SCOTOS, ESCURIDÃO, etc. Mesmo em francês a palavra SCOTOME é do género masculino". Deve-se no entanto notar que NASCENTES, no DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, consigna a forma intermediária latina SCOTOMA; assim sendo, explica-se através da passagem pelo latim a mudança do acento tónico (icto), pois a palavra não nos veio directamente do grego.

15 — E S Q U I A S C O P I A

É a forma única abonada pelo Vocabulário Ortográfico Oficial. Paulo de Mello apoiando a forma em questão comenta: "do grego *seia* sombra, *scopein*, examinar, e sufixo *ia*: *exama* da sombra pupilar. Littré e P. Pinto (2ª edição) não o registam. QUIASCOPIA é termo estranho à língua (do francês SKIASCOPE)". Cita então Paulo de Mello a forma CIASCOPIA como boa.

O Vocabulário Oficial porém não a consigna.